

A Problemática Universitária

São muitas as instituições que ainda não alcançaram, em nosso país, a plenitude de suas possibilidades teóricamente realizáveis. A imaturidade de nossa cultura parece ser a causa, de ordinário, apontada como o principal fator do quase malôgro de algumas delas.

Nossos problemas acumulam-se a cada passo, desafiando a inteligência e o bom senso dos que se julgam ou se sentem autorizados a sugerir soluções e a combater a inércia dominante. É o sistema político, que ainda não se encontrou a si mesmo, longe que está da verdadeira prática da democracia. É a ordem econômica, que mal consegue garantir a modesta subsistência de uma multidão cada dia maior de brasileiros. São, enfim, os grandes desniveis sociais a entravar o harmonioso desenvolvimento do país.

O fato é que essa atmosfera assim carregada de defeitos e vícios perturba toda a ampla perspectiva de criação e progresso com que nos habituamos a, vaidosamente, olhar a realidade brasileira. Esta como que se amesquinha diante dos erros e das improvisações reinantes no meio social.

As instituições universitárias teriam, em consequência, de refletir, desta forma, as mesmas imperfeições que dificultam a existência ou o funcionamento, entre nós, das demais instituições. Particularmente, elas, tão sensíveis ao menor desvirtuamento ou deturpação de suas finalidades transcendentais, não poderiam deixar de ressentir o efeito do ambiente sócio-cultural.

Daí porque sejam de todo justas as preocupações com que alguns dos nossos melhores pensadores costumam, hoje, encarar o problema da educação no âmbito universitário. Preocupação, antes de mais nada, pela missão reservada à Universidade nos quadros do mundo contemporâneo.

Criação histórica da Idade Média, a Universidade viu, com o passar dos séculos, transformarem-se, não sómente os diversos

sistemas de vigências predominantes em cada um deles, como também a sua destinação e os seus objetivos. Com esta variação do fim, teria de mudar, como efetivamente mudou, o espírito que a tem animado: ela traduz, sem dúvida, a filosofia de vida e de educação em vigor durante certo período.

Eis porque já se cuida, como o faz Tristão de Ataíde, de uma tipologia universitária, que proceda, ainda que didáticamente, a uma classificação das Universidades, segundo critérios ou fatos que as aproximem ou afastem.

A Universidade eclética, para usar a terminologia que é a dêle, representa aquela em que as ciências naturais tendem a predominar em detrimento das ciências culturais. Modelo das Universidades do século XIX, e mesmo do século XX, ela é "dominada, consciente ou inconscientemente, pelo cientificismo que lhe forneceu a nota mais característica". Na Universidade dirigida, ao contrário, a posição das ciências sociais obedece a uma política ditada no interesse de um Estado ou de um Partido. É, pois, típica dos regimes totalitários de qualquer natureza.

Finalmente, a Universidade orgânica, em oposição às anteriores, realiza "uma primazia hierárquica das ciências culturais, isto é, das que formam a personalidade humana em sua integridade, sem prejuízo da autonomia e da importância intrínseca das ciências naturais e das ciências sociais". A opção entre êsses modelos dependerá, evidentemente, da interferência de vários fatores, entre os quais o nível moral, político e econômico do país.

No caso do Brasil, se as deficiências e omissões existentes são comprometedoras, não há porque não reconhecer que temos condições de superá-las. É animador, com efeito, constatar o trabalho de pesquisa, de equacionamento, de elucidação já feito em torno dos nossos problemas fundamentais, em todos os setores de atividade. Os resultados mesmo parciais comprovam o alto grau de recuperação e adaptação do homem brasileiro. Tanto mais lisonjeiros, êsses resultados, quanto formam apenas o contingente de esforço civilizador de uma pequena minoria da população.

O importante para nossas instituições, e, de modo especial, para as de natureza educacional, está em não improvisarmos soluções imediatistas, a curto prazo. A pressa poderá agravar os defeitos, ao invés de corrigi-los ou atenuá-los. Nesse sentido, é melhor não fazer, do que fazer sem pensar, ou fazer mal.

No aperfeiçoamento das instituições, e em seu benefício, encontrarão assim nossas Universidades uma das razões de sua própria existência. Conhecemos todos o papel que alguns centros de cultura no exterior têm desempenhado em favor do desenvolvimento dos seus respectivos países, — pelo pensamento criador, pela investigação consciente, pelas lições ministradas.

Reformar-se não significará, necessariamente, para nossas Universidades, dar apenas nova estrutura aos cursos, estabelecer uma hierarquia entre as disciplinas ou acumular conhecimentos sem nenhum valor objetivo. Terão de integrar-se, pois, na vida da nação e do povo, construindo, não sómente nosso patrimônio moral e intelectual, senão, também participando, ativamente, da luta para a formação da riqueza material do país.

A essa luta não tem faltado o concurso da inteligência e do entusiasmo dos mestres e discípulos da Universidade do Rio Grande do Sul. Das mais jovens que possuímos, a Universidade gaúcha tem visto crescer tanto o seu magnífico conjunto arquitetônico, como sobretudo, o seu prestígio e o campo de trabalho. Trabalho organizado e dinâmico empreendido em cursos normais ou de extensão universitária, na faina silenciosa dos institutos especializados e no contato de professores e alunos com situações e realidades extra-universitárias.

A atenção que a Universidade vem dispensando, sem exageros ou prioridades, aos diversos ramos do saber humano, imprime aos seus programas um caráter de universalidade, que a recomenda diante das congêneres. Por outro lado, tornou-se, na medida do possível, uma Universidade aberta ao diálogo, o que explica o sucesso de muitas reuniões nacionais e internacionais, ali promovidas. É um traço que marca, simpáticamente, a Universidade do Rio Grande do Sul, êsse de saber receber bem para o debate sério e proveitoso.

Voltada para essas relações de intercâmbio com as suas co-irmãs, brasileiras ou não, a Universidade não descuida, por esse motivo, de incentivar o estudo e o culto de tantas tradições, que a geografia, a economia e a personalidade do povo gaúcho criaram.

Estamos certos de que, sob a direção de homens do discernimento e da sabedoria do Reitor Elyceu Paglioli, essas virtudes irão acentuando-se com o tempo e que a Universidade do Rio Grande do Sul será das primeiras, por conseguinte, a cumprir integralmente os objetivos de uma autêntica Universidade do século XX.